

PALAVRAS-CHAVE: conto; personificação; catacrese; discurso direto e indireto.

Texto Gerador I

"Caso de Chá", por Carlos Drummond de Andrade

A casa da velha senhora fica na encosta do morro, tão bem situada que ali se aprecia o bairro inteiro, e o mar é uma de suas riquezas visuais. Mas o terreno em volta da casa vive ao abandono. O jardineiro despediu-se há tempos; hortelão, não se encontra nem por milagre. A velha moradora resigna-se a ver crescer a tiririca na propriedade que antes era um brinco. Até cobra começou a passear entre a folhagem, com indolência; é uma cobrinha de nada, mas sempre assusta. O verdureiro que faz ponto na rua lá embaixo ofereceu-se para matá-la. A boa senhora reluta, mas não pode viver com uma cobra tomando banho de sol junto ao portão, e a bicha é liquidada a pau. Bom rapaz, o verdureiro, cheio de atenções para com os fregueses. Na ocasião, um problema o preocupa: não tem onde guardar à noite a carrocinha de verduras.

– Ora, o senhor pode guardar aqui em casa. Lugar não falta. – Muito agradecido, mas vai incomodar a madame.

– Incomoda não, meu filho.

A carrocinha passa a ser recolhida nos fundos do terreno. Todas as manhãs o dono vem retirá-la, trazendo legumes frescos para a gentil senhora. Cobra-lhe menos e até não cobra nada. Bons amigos.

– Madame gosta de chá?

– Não posso tomar, me dá dispepsia, me põe nervosa.

– Pois eu sou doido por chá. Mas está tão caro que nem tenho coragem de comprar. Posso fazer um pedido? Quem sabe se a madame, com esse terreno todo sem aproveitar, não me deixa plantar uns pés, pouquinho coisa, só para o meu consumo?

Claro que deixa. Em poucas horas o quintal é capinado, tudo ganha outro aspecto. Mão boa é a desse moço: o que ele planta é viço imediato. A pequenina cultura de chá torna alegre outra vez a terra abandonada. Não faz mal que a plantação se vá estendendo por toda a área. A velha senhora sente prazer em ajudar o bom lavrador. Alegando que precisa fazer exercício, caminhando com cautela pois enxerga mal, ela rega as plantinhas, que lhe agradecem a atenção prosperando rapidamente.

– Madame sabe: minha intenção era colher só uma pequena quantidade. Mas o chá saiu tão bom que os parentes vivem me pedindo um pouco e eu não vou negar a eles. É pena madame não experimentar. Mas não aconselho: se faz mal, não deve mesmo tocar neste chá. O filho da velha senhora chegou da Europa esta noite. Lá ficou anos estudando. Achou a mãe lépida, bem disposta.

– E eu trabalho, sabe, meu querido? Todos os dias rego a plantação de chá que um moço me pediu licença para fazer no quintal. Amanhã de manhã você vai ver a beleza que está.

O verdureiro já havia saído com a carrocinha. A senhora estende o braço, mostra com orgulho a lavoura que, pelo esforço em comum, é também um pouco sua. O filho quase caiu duro:

– A senhora está maluca? Isso nunca foi chá, nem aqui nem na Índia. Isso é maconha, mamãe!

USO DA LÍNGUA

Questão 1 – A fim de presentificar as falas das personagens, o autor usa diversas vezes o discurso direto, fazendo uso de travessões e verbos no presente. Para reescrevermos as frases em discurso indireto, é preciso atentar também para a mudança do tempo verbal do presente para o pretérito imperfeito. Sabendo disso, assinale a opção que apresenta a reescrita do último parágrafo do texto em discurso indireto corretamente:

- a) O filho quase caiu duro e perguntou se a mãe **estaria** maluca, disse que aquilo não é chá nem aqui nem na Índia, que isso é maconha.
- b) O filho quase caiu duro e perguntou se a mãe **está** maluca, disse que aquilo não é chá nem aqui nem na Índia, que isso é maconha.
- c) O filho quase caiu duro e perguntou se a mãe **estava** maluca, disse que aquilo não **era** chá nem aqui nem na Índia, que aquilo **era** maconha.
- d) O filho quase caiu duro e perguntou se a mãe **é** maluca, disse que aquilo não é chá nem aqui nem na Índia, que aquilo **é** maconha.

Habilidade desenvolvida: Identificar o uso do discurso direto e indireto.

Resposta comentada: É possível que o aluno assinale a alternativa “d”, mantendo o tempo verbal no presente como na frase original. Será relevante que o professor apresente um quadro de transposição do discurso direto para o indireto, enfatizando a mudança dos tempos verbais. A partir daí, o aluno só poderá assinalar como correta a alternativa “c”, já que apresenta os verbos no pretérito imperfeito do indicativo.

Texto Gerador II

A Lenda do Tambor Africano

Corre entre os Bijagós, da Guiné, a lenda de que foi o Macaquinho de nariz branco quem fez a primeira viagem à Lua. A história começou assim:

Nas proximidades de uma aldeia, os macaquinhos de nariz branco, certo dia, de que se haviam de lembrar, resolveram fazer uma viagem à Lua e trazê-la para baixo, para a Terra.

Ora, numa bela manhã, depois de terem em vão tentado encontrar um caminho por onde subir, um deles, por sinal o mais pequeno, teve uma ideia: encavalitarem-se uns nos outros. Um agora, outro depois, a fila foi-se erguendo ao céu e um deles acabou por tocar na Lua. Embaixo, porém, os macacos começaram a cansar-se e a impacientar-se. O companheiro que tocou na Lua nunca mais conseguia entrar. As forças faltaram-lhes, ouviu-se um grito, e a coluna desmoronou-se. Um a um, todos foram arrastados na queda e caíram no chão. Apenas um só, só um macaquito, por sinal o mais pequeno, ficou agarrado à Lua, que o segurou pela mão e o ajudou a subir.

A Lua olhou-o com espanto e tão engraçadinho o achou que lhe deu de presente um tamborinho. O Macaquinho começou a aprender a tocar no seu tamborinho e por longos dias deixou-se ficar por ali. Mas tanto andou, tanto passeou, tanto no tamborinho tocou, que os dias se passaram uns atrás dos outros e o macaquinho de nariz branco começou a sentir profundas saudades da Terra e das suas gentes. Então, foi pedir à Lua que o deixasse voltar.

— Para que queres voltar?

— Tenho saudades da minha terra, das palmeiras, das mangueiras, das acácias, dos coqueiros, das bananeiras.

A Lua mandou-o sentar no tamborinho, amarrou-o com uma corda e disse-lhe:

— Macaquinho de nariz branco, vou-te fazer descer, mas toma tento no que te digo. Não toques o tamborinho antes de chegares lá abaixo. E quando puseres os pés na Terra, tocarás então com força para eu ouvir e cortar a corda. E assim ficarás liberto.

O Macaquinho, muito feliz da vida, foi descendo sentado no tambor. Mas a meio da viagem, oh!, não resistiu à tentação. E vai de leve, levezinho, de modo que a Lua não pudesse ouvir, pôs-se a tocar o tambor tamborinho. Porém, o vento soltando brandos rumores fazia estremecer levemente a corda. Ouviu a Lua os sons compassados do tantã e pensou:

'O Macaquinho chegou à Terra'. E logo mandou cortar a corda. E eis o macaquinho atirado ao espaço, caindo desamparado na ilha natal. Ia pelo caminho diante uma rapariga cantando e meneando-se ao ritmo de uma canção. De repente viu, com espanto, o infeliz estendido no chão. Mas tinha os olhos muito abertos, despertos, duas brasas produzindo luz. O tamborinho estava junto dele. E ainda pôde dizer à rapariga que aquilo era um tambor e o entregava aos homens do seu país.

A moça, ainda não refeita da surpresa, correu o mais velozmente que pôde a contar aos homens da sua raça o que acabava de acontecer. Veio gente e mais gente. Espalhavam-se archotes. Ouviam-se canções. E naquele recanto da terra africana fazia-se o primeiro batuque ao som do maravilhoso tambor. Então os homens construíram muitos tambores e, dentro em pouco, não havia terra africana onde não houvesse esse querido instrumento. Com ele transmitiam notícias a longas distâncias e com ele festejavam os grandes dias da sua vida e a sua raça.

O tambor tamborinho ficou tão querido e tão estremecido do povo africano que, em dias de tristeza ou em dias de alegria, é ele quem melhor exprime a grandeza da sua alma."

FERREIRA, Manuel (escritor de Guiné-Bissau). *No Tempo em que os Animais Falavam*, Coleção Novas Leituras Africanas de Língua Portuguesa – Vol. 5, Editorial do Ministério da Educação.

tantã – tambor

batuque – dança especial acompanhada por instrumentos em que se bate.

Disponível em:

http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/obino/cruzadas1/africanidades_atividades/galinha_an_gola.html

USO DA LÍNGUA

Questão 2_ Num texto literário, as ideias ganham maior expressividade com uso de algumas expressões chamadas figuras de linguagem.

Especialmente nos contos em que as personagens são animais ou elementos da natureza, é bastante comum o uso da **prosopopeia** ou **personificação**, que consiste em se atribuir atitudes ou características humanas a seres não humanos. Agora, assinale a alternativa que apresenta essa figura de linguagem.

- () “ Macaquinho de nariz branco”
- () “A moça, ainda não refeita da surpresa, correu o mais velozmente que pôde...”
- () “ De repente viu, com espanto, o infeliz estendido no chão.”
- () “A Lua olhou-o com espanto e tão engraçadinho o achou que lhe deu de presente um tamborinho.”

Habilidade desenvolvida: Identificar a presença de figuras de palavra, de pensamento e de sintaxe no gênero estudado.

Resposta comentada: Espera-se que nenhum aluno assinale a 2ª e a 3ª alternativa por se tratar de atitudes realizadas por uma pessoa mesmo. No entanto, pode ocorrer de o aluno considerar também a 1ª alternativa, referindo-se à cor do nariz do macaquinho. Nesse caso, é necessário explicar que essa característica não seria específica do ser humano. Portanto, só resta a última alternativa, já que a “ Lua” está sendo personificada, pois apresenta a atitude de “olhar com espanto” e, ainda, “presentear” o macaquinho.

LEITURA

Questão 4

“Houve outras histórias que o povo gostava de ouvir mais e mais. Algumas histórias eram sobre a história da tribo. Algumas eram grandes guerras e batalhas. Algumas eram sobre a vida cotidiana. Não havia linguagem escrita na África antiga. Os narradores acompanhavam a história do povo.”

Sabendo que os povos da África antiga não possuíam um sistema de linguagem escrito, qual a importância do conto oral para eles?

Habilidade trabalhada: Reconhecer a importância do conto oral para o povo indígena e africano.

Resposta comentada: É importante, nesse momento, fazer uma breve discussão a cerca da importância dos contos orais para os povos antigos, já que não possuíam um sistema de escrita desenvolvido, era dessa forma que preservavam sua história, sua cultura. Convém, ainda, lembrar que muito antes ainda os povos da pré-história registravam sua história, seu modo de vida, através dos desenhos nas cavernas (mesmo porque , nessa época, o homem só conseguia se expressar por meio de sons guturais e de gestos).

Retornando à questão, é importante lembrar que essas histórias chegaram até nós graças aos griots, na África, que cuidaram de transmitir tais histórias e que, mais tarde, foram registradas por vários escritores, e, ainda, que , pelo fato de terem sido recontadas de geração em geração, não se sabe ao certo quem é o autor.

Texto complementar

O texto abaixo é uma crônica em que o autor critica o modo como as crianças se relacionam com os brinquedos na atualidade. Leia-o com bastante atenção.

A BOLA

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentia ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse “ legal! “. Ou os que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

__ Como é que se liga? __ Perguntou:

__ Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho.

__ Não tem nenhuma instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos decididamente são outros.

__ Não precisa manual de instrução.

__ O que é que ela faz?

__ Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

__ O quê?

__ Controla, chuta...

__ Ah, então é uma bola?

__ Claro que é uma bola.

__ Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

__ Você pensou que fosse o quê?

__ Nada, não.

O garotinho agradeceu, disse “ Legal! “ de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com uma bola nova do lado, manejando os controles de um vídeo game. Algo chamado MONSTER BALL, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de bip eletrônico na tela, ao mesmo tempo em que tentava se destruir mutuamente. O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova ensaiou algumas embaixadinhas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

__ Filho, olha.

O garoto disse “ legal “, mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recuperar mentalmente o cheiro do couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa ideia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Luis Fernando Veríssimo. Festa de Criança. São Paulo, Ática,2000.

USO DA LÍNGUA

Questão 6

A **catacrese** é um figura de linguagem que consiste em denominar algo com um nome por empréstimo por não existir na língua uma palavra própria para designá-lo. Entretanto, devido ao uso contínuo, não mais se percebe que ele está sendo empregado em sentido figurado. Vejamos alguns exemplos:

O **pé da mesa** estava quebrado.

Soca um **dente de alho**.

Apoie nas **costas da cadeira**.

Retire do texto complementar um termo que exemplifique também essa figura de linguagem.

Habilidade trabalhada: Identificar a presença de figuras de palavras, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta comentada: Se julgar necessário, o professor poderá direcionar o aluno para o parágrafo onde tal expressão se encontra – 18§. Assim, espera-se que o aluno localize a expressão “**peito do pé.**”

SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS:

ARRUDA-FERNANDES, Vania Maria Bernardes; ROCHA, Maura Alves de Freitas & TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A aventura da linguagem*. Língua Portuguesa: 8º ano – Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

Esse livro traz excelentes textos dos gêneros conto e crônica. Entre eles o conto “Mazanendaba”, que pode, inclusive, ser dramatizado.

CAMPOS, Elizabeth; CARDOSO, Paula Marques e ANDRADE, Sílvia Letícia de. **Viva Português**, 9º ano. 2ª edição. Editora Ática. São Paulo: 2010.

Esse livro também traz excelentes sugestões de contos e crônicas, bem com atividades de análise da estrutura dos mesmos. Também há um capítulo dedicado às figuras de linguagem.

MACHADO, Irene A. *Literatura e Redação: Os gêneros literários e a tradição oral*. São Paulo: Scipione, 1994.

SOLER-PONT, Anna. *O Príncipe medroso e outros contos africanos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; ROCHA, Maura Alves de Freitas e FERNANDES, Vânia Maria Bernardes Arruda. **A aventura da linguagem**. Língua Portuguesa, 9º ano. 1ª edição. Belo Horizonte, 2009.